

Eletrourbs, Eletrogravuras

Frederico Morais

...vontade de abarcar tudo, rapidamente, se possível hoje (o passado ficou grudado na parede: velhas molduras, velhos problemas, velhos professores e academias: o que estou fazendo? Te mando pelo correio, pelo vídeo, por telefone, telegrama, telex, microficha, ponho no *mail-art* do Júlio Plaza, do Ulisses Carrión, do Paulo Bruscky, mando para salvador, João pessoa, Europa, eu fico por aqui, em Caxias do sul, RS, convido a Aracy Amaral, o Gerchman, o Grijó, o Megume Yuassa, o Tomoshige, a Regina Silveira, a Carmella Gross, o Córdoba, o Nietzsche, o Bené Fonteles/ antes arte do que tarde com eles troco experiências e informações. Hora e vez da província falar ou a miniaturização da técnica e a compressão dos circuitos eletrônicos estourando os limites, as hierarquias, as ideologias, as regiões, as mídias? *Feed-back* : o novo meio anulando o velho ou apenas reciclando-o? O artesanal renovado pela tecnologia, a região reivindicando soluções para a aldeia global, a emoção falando mais alto, *transvanguardia, neue wilden, new image*, o símbolo de volta, a fenomenologia idem, a semiologia jogada pro alto que ninguém é de ferro). Lito, fotografia, *off-set, litooffset*, micro fichas (macroproblemas?), neon, dentro da galeria Sergio Millet, em vermelho , que é cor de sangue, e um estetoscópio para contar batidas do coração, as batidas da arte da cidade , afinal, os fluxos e refluxos, são mídias dos midismos teóricos, da política, do trafego, dos bombeiros, e uma velha cadeira thonet no meio da sala, no vazio do papel, cortada pelo signo forte do eletro, vazio dos seres humanos no cheio das urbs, eletrodomésticos, eletrocardiogramas, eletroencefalogramas(Aurélio: gráfico das oscilações elétricas das atividades do musculo cardíaco, ou , em Diana Gallichio Domingues, gráfico das tensões da urbs, o musculo da cidade, o pulso do artista captando a energia que esta faltando ou sendo filtrada pelas mídias de consumo no sentido de evitar choques, banalizar repertórios, plim-plim, seria a arte um novo campeão de audiência?). De uma carta da artista: minha intenção é descontextualizar. Usei signos manipulados constantemente pelo espectador interferidos com o diagrama em vermelho, o que para mim são momentos/fragmentos de autopercepção na rotina diária, seriam anotações, observações do cotidiano a partir de imagens fotográficas perturbadas no seu alto grau de iconicidade com interpretação de outro signo de procedência não-artística, buscando ativar novas cargas semânticas num processo de descontextualização, tentativa de romper, romper através do banal, até aqui falo do primeiro momento do meu trabalho, num segundo tempo abandonei o vermelho, mas mantenho o diagrama do eletro, redundando no que chamo de eletrocologias, a preocupação agora é mais plástica, articulo operações retoricas, aumentando, reduzindo, invertendo, empregando o positivo e o negativo com alternâncias de tamanho e de posições. Vendo seus trabalhos enviados num eletro como *leit-motif* de todo seu trabalho, desde que trocou a pintura pelo xerox, numa apreensão muito correta das tensões da cidade moderna e do homem que nela vive como se tudo , na cidade moderna , no mundo moderno (e você mora numa cidade pequena) estivesse amalgamado por uma mesma fonte de energia, ou tensões, a mesma vibração: da calçada da rua (aas pedras que falam) aos edifícios, das filas (INPS, feijão, ônibus, futebol) à multidão, do cheque(eletrocheque) e da folha manuscrita (eletrocartilha do ser, eletrotaquigrafia da alma) ao jornal comentado em vermelho(Antônio Manuel em 68, dias em 72), do telegrama ao telefone, da maquina de escrever ao sinal luminoso (vermelho: perigo). O que Diana faz, portanto, são eletrogravuras, eletrocutando velhões chavões gráficos e temáticos, o eletro provocando metamorfoses continuas de significado, ele mesmo fazendo-se mancha, malha,

trama, acidentes geográficos, pináculos, vulcões, mandalas, ondulações, tufo expressionistas em arquiteturas visionárias, paisagens cósmicas, naves, paisagens eletrônicas, como você diz, à maneira dos desenhos gerados pelo “*computer*”, invadindo vídeos, jornais, cartas, bilhetes, telefones, telegramas, cheques e o texto do poeta na máquina de escrever. Viva Diana, Caxias do Sul já é pequena para você.

Frederico Morais , Rio de Janeiro, Julho de 1982. Galeria Sergio Milliet Funarte.